

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: o Globo Class.: Política Ambiental  
 Data: 19/01/94 Pg.: 06 17

# O Sermão da Caatinga

RUBENS RICÚPERO

“Não derrubar o mato, nem mesmo um só pé de pau...  
 “Não tocar fogo no roçado nem na caatinga...

“Não caçar mais e deixar os bichos viverem...

“Represar os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta...

“Plantar cada dia pelo menos um pé de algaroba, até que o sertão todo seja uma mata só...

“Construir uma cisterna no oitão da sua casa para receber a água da chuva...

“Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para ele se refazer.

“Se o sertanejo obedecer estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado vai melhorando e o povo terá sempre o que comer...

“Mas, se não obedecer, dentro de vinte anos todo o sertão será um deserto só.”

Aprendo muito desses conselhos e compartilho-os com o leitor com ânimo de dividir uma descoberta que me fascinou. Difícil saber quem, com esse linguajar simples e direto, com esse apelo de pai que ensina os filhos amorosamente, mas com autoridade, pregou em pleno sertão nordestino a palavra que hoje a consciência ambiental a duras penas começa a inscrever na nossa visão do mundo.

Padre Cícero é o autor desses preceitos, que datam dos anos 20. Deles tomei conhecimento graças ao esforço de educação ambiental feito pelo órgão estadual de meio ambiente de um sofrido estado nordestino, Alagoas. Esses conselhos provam, uma vez mais, que a sabedoria do povo, forjada nas experiências do dia-a-dia, é imensa e maior ainda a dos seus profetas. Padre Cícero antecipou em 70 anos, e em pleno coração do subdesenvolvimento e da pobreza, ensinamentos que hoje constituem conceitos básicos do desenvolvimento sustentável e da convivência harmoniosa do homem com o meio ambiente.

Padre Cícero consolidou seus ensinamentos com o ânimo messiânico que move todo educador, mas foi mais longe nessa tarefa de conquistar corações e almas com a sua pregação pelos sítios bíblicos da nossa caatinga afora. A redenção do homem do sertão, certamente o brasileiro mais diretamente afetado pelas adversidades naturais (e sociais), não se faria apenas nos reinos do Senhor, mas começaria na própria Terra, no chão gretado da caatinga e do agreste, na sobrevivência que preci-

sa revelar-se uma relação inteligente e comedida com a natureza, nessa visão do meio ambiente preservado como uma ferramenta à serviço do homem e do seu bem-estar. Não falta a ameaça igualmente bíblica da maldição que virá punir o não-cumprimento daquelas prescrições: “O sertão será um deserto só.”

Não retiro desses conselhos de padre Cícero nenhum moralismo. Eles valem pelo próprio peso da sua sabedoria e do seu empirismo, quando não pelo que de tristemente profético tiveram 70 anos atrás. Deles me valho para acentuar três aspectos que me parecem essenciais na área ambiental e do desenvolvimento sustentável.

O primeiro deles é que o pensamento ecológico não constitui entre nós uma ideologia exótica, importada, espécie de moda que nos impõem os países desenvolvidos. Não existe ninguém mais autenticamente brasileiro do que padre Cícero. Muito antes de que se realizasse a I Conferência Internacional sobre Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, ele teve essa percepção aguda de algo que constitui antes de tudo um interesse nacional legítimo, identificado por quem está próximo da realidade.

O segundo aspecto é o acerto de suas previsões. Hoje, os 900 mil quilômetros quadrados que compõem o Polígono das Secas, com cerca de 25 milhões de habitantes, estão ameaçados de desertificação irreversível, a exemplo do que ocorre em Gilboés, no Piauí. E não se pense que esse é um fenômeno nordestino, porque ocorre também no Rio Grande do Sul, na região do Alegrete, desertificada pelo uso desmesurado de maquinaria pesada, fertilizantes e defensivos agrícolas em área de solos frágeis. Crédito fácil, visão imediatista, falta de cuidados e tecnologias impróprias vêm fazendo da profecia de padre Cícero uma dura e custosa realidade para o país.

Em terceiro lugar, mais do que o seu acerto impressionante, por trás de cada um desses conselhos está a constatação fundamental de que é a educação a única forma de estabelecer essa relação saudável, proveitosa e duradoura com o meio ambiente, seja ele a natureza intocada de que somos ainda, felizmente, privilegiados proprietários na Terra, seja ele, na outra extremidade de um vasto espectro, o meio urbano degradado das nossas grandes cidades e zonas industriais.

Não se trata de cultivar o superfluo em um país em que a fome ronda 30 milhões de habitantes e em que não fomos capazes de gerar ri-

quezas suficientes, nem de distribuir mais adequadamente o que criamos. A promessa de uma Canaã sertaneja a que padre Cícero recorre — “a seca vai aos poucos se acabando, o gado vai melhorando e o povo terá sempre o que comer” — não é figura de linguagem, populismo ou habilidade de catequético. É um programa sócio-econômico, que, na sua simplicidade, sabe de onde parte, quais os seus instrumentos e os seus objetivos. No centro, o homem, o sertanejo no caso, o brasileiro em geral quando se projeta e adapta a outros espaços brasileiros aquela sabedoria de padre Cícero, aquela sensibilidade simples de humanista do sertão.

O Brasil tem hoje consciência crescente de que adotou modelos errados no passado, quando enfatizamos o econômico em detrimento do social e do ambiental, sem gerarmos com isso riqueza mais bem distribuída nem melhorarmos nossa inserção internacional. A mentalidade predatória com que inauguramos nosso ingresso na História Ocidental ainda hoje prevalece em muitas regiões e atividades, em benefício efêmero de alguns à custa do bem-estar e do futuro da maioria.

Nada se fará para dar um passo qualitativo na boa direção sem um esforço adicional de educação, que seja capaz, como padre Cícero, de mostrar o lado prático de se ter uma visão adequada e racional da relação do homem com a natureza. Sem ser preciso recorrer a chavões retóricos e a promessas que remetem a um futuro inalcançável o benefício de um mundo ambientalmente harmonioso, é possível mostrar que meio ambiente, qualidade de vida, justiça social e desenvolvimento econômico podem ser partes integradas de uma relação complexa, a do homem em busca da sobrevivência e da felicidade na Terra.

Foi o que padre Cícero fez, em conselhos que hoje recobram, mais que a força da sua sabedoria, o seu poder como exemplo do desejo de educar e convencer.

Voltado para as nossas crianças e os nossos jovens, que têm demonstrado muito mais sensibilidade que os adultos na questão ambiental, esse esforço educacional terá resultados positivos e irreversíveis quando essa geração assumir plenamente a condução dos destinos do Brasil. Vale a pena intensificar esse esforço, inspirando-nos também no Sermão da Caatinga de padre Cícero, que tanto fala à alma brasileira.